



ÓPERA *THAÏS*

EXIBIÇÕES NO TEATRO DE SÃO CARLOS NO
PRIMEIRO QUARTEL DO SÉCULO XX E A
RECEÇÃO CRÍTICO-VALORATIVA NA
IMPrensa PORTUGUESA

PALMIRA MORAIS ROCHA DE ALMEIDA

THAÏS

COPYRIGHT © HEUGEL et C^o. 1894

ÓPERA *Thaïs*

Exibições no Teatro de São
Carlos no primeiro quartel do
século XX e a receção
crítico-valorativa na imprensa
portuguesa

FICHA TÉCNICA

Título: *Ópera Thaïs. Exibições no Teatro de São Carlos no primeiro quartel do século XX e a receção crítico-valorativa na imprensa portuguesa*

Autora: Palmira Morais Rocha de Almeida

Capa: Estampa *Thaïs* [1893] de Jean Veber

Fonte: Bibliothèque nationale de France, département Estampes et photographie, FOL-EF-490 (1). Imagem disponível em <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8577554p/f1.item.r>>

Composição & Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Lisboa, setembro de 2016

ISBN – 978-989-8814-44-9

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto “UID/ELT/00077/2013”

Palmira Morais Rocha de Almeida

Ópera *Thaïs*
Exibições no Teatro de São
Carlos no primeiro quartel do
século XX e a receção
crítico-valorativa na imprensa
portuguesa

CLEPUL

Lisboa

2016

Índice

Resumo	7
I. O romance <i>Thaïs</i> de Anatole France	9
II. A ópera <i>Thaïs</i> de Jules Massenet	13
III. A recepção crítico-valorativa da ópera <i>Thaïs</i> na imprensa portuguesa da época	17
Bibliografia	35

RESUMO

Anatole France desenvolveu, ao longo da vida, uma apreciável atividade literária, cuja qualidade veio a ser consagrada com a atribuição do Prémio Nobel da Literatura em 1921, mas foi também um dinâmico militante nos domínios social e político. No tempo da sua formação escolar, era habitual a leitura de textos hagiográficos, em voga na época, onde sempre surge Santa Thaïs, “pecadora”, e a ela associada a figura do monge Paphnuce, obras que constituíram a fonte essencial para o romance *Thaïs*, cuja ação decorre no Egito, entre o deserto, habitado por eremitas, com uma vida voltada para a ventura espiritual, e a cidade de Alexandria, na qual proliferam os impuros desejos carnavais.

Jules Massenet, compositor em fase ascensional, entusiasmado com o romance, ajustou com Anatole France a sua adaptação ao teatro, tendo a elaboração do libreto destinado à ópera sido, de comum acordo, entregue a Louis Gallet. A obra musical, com partitura de Massenet, teve a *première* em Paris no ano de 1894.

A estreia em Lisboa, no Real Teatro de São Carlos, aconteceu dez anos depois, na versão italiana do libreto e cantada por uma companhia do país transalpino. A imprensa lisboeta, transmitindo o relevado, na época, à ópera como manifestação artística e, em simultâneo, social, fez uma cobertura exaustiva da exibição de *Thaïs* no São Carlos, incluindo o período anterior à chegada dos artistas, a sua exibição e a crítica à própria ópera e ao desempenho dos cantores, da orquestra e da sua direção. A análise jornalística, vista num plano de diferentes perspetivas, em função da conotação política dos vários periódicos e da visão dos críticos, não pode deixar de ser valorizada no contexto de um enquadramento que extravasa a importância do panorama musical, permitindo escrutinar a relação estabelecida entre o produto resultante

da colaboração interartística levada a cabo por Anatole, Massenet e Gallet e o público em Portugal no primeiro quartel do século XX.

Palavras-chave: France, Anatole, 1844-1824; Massenet, Jules, 1842-1912; Gallet, Louis, 1835-1898; Ópera *Thaïs*; Teatro de S. Carlos; Estudos Interartes; Estudos de Receção.

I. O ROMANCE *THAÏS* DE ANATOLE FRANCE

Anatole France, pseudónimo de Anatole-François Thibault ou também de Jacques-Anatole-François Thibault, com acréscimo do nome do seu padrinho, Jacques Charavay, nasceu em Paris, no dia 16 de abril de 1844. Ao longo da vida desenvolveu uma apreciável atividade literária, cuja qualidade veio a ser consagrada com a atribuição do Prémio Nobel da Literatura em 1921, mas foi igualmente um militante ativo nos domínios social e político, numa época conturbada da história europeia. Faleceu em Saint-Cyr-sur-Loire, em 12 de outubro de 1924, tendo o seu funeral, realizado seis dias depois na capital francesa, para o cemitério de Neuilly-sur-Seine, constituído uma verdadeira homenagem nacional, amplamente retratada nos jornais do seu país e com larga repercussão na imprensa europeia.

No período em que decorreu a formação escolar de Anatole France, era habitual a leitura de textos hagiográficos, podendo mesmo estes constituir matéria curricular, nomeadamente em estabelecimentos de ensino católico, como aquele que frequentou para obter a instrução secundária, o Collège Stanislas, em Paris, fase da sua vida presente no livro *La Vie en Fleur*, objeto de crítica ao tipo de ensino ministrado. É, portanto, evidente, o conhecimento de *Les Vies des Pères des Déserts D'Orient / Leur doctrine spirituelle et leur discipline monastique*, do padre Michel-Ange Marin, de *Les Vies des SS. Peres des Deserts, et des Saintes Solitaires D'Orient et D'Occident*, do barão Joseph-François Bourgoing de Villefore, e de *La Légende Dorée*, de Jacques Voragine, todas importantes obras de natureza hagiográfica, onde sempre surge Santa Thaïs, “pecadora”, e a ela associada a figura do monge Paphnuce. São hoje livros raros, mas no século XVIII, em especial *Les Vies*

des Pères des Déserts, eram de grande leitura, dado interligarem imagens que ora impressionavam pelo horror ora expandiam mensagens de prazer. O mérito das ações dos eremitas é sobejamente relatado, não deixando, contudo, a coragem e a resignação de serem associadas à vontade divina.

Parece inegável o interesse que a história de Thaïs assumiu para Anatole France, pois ainda jovem, numa fase mais dedicada à poesia, apareceu, em 1867, no derradeiro número da revista *Le Chasseur Bibliographe. | Revue Bibliographique, Littéraire, Critique et Anecdotique*, onde o escritor era secretário da redação, o seu poema *La Légende de Sainte Thaïs, Comédienne*. Escrita ainda no período introdutório da sua produção literária, foi publicada em 1876 a última das suas composições poéticas, *Les Noces Corinthiennes*, tragédia situada no primeiro século da era cristã, mais tarde adaptada à linguagem teatral. É admissível supor que, além dos textos citados e outros com alguma similitude, *La Tentation de Saint Antoine*, de Gustave Flaubert, livro publicado em 1874, possa estar entre as fontes de inspiração de Anatole France para a elaboração do romance *Thaïs*.

A parte inicial de *Thaïs | Conte Philosophique* veio a público, em Paris, em 1 de julho de 1889, incluída na *Revue des Deux Mondes*, fundada em 1 de agosto de 1829, sendo atualmente uma das mais antigas publicações periódicas francesas. A continuação surgiu no número imediato da revista, saído no dia 15 desse mês, e o trecho final apareceu na revista publicada em 1 de agosto seguinte. Decorrido um ano, agora sob a denominação que perdurou, *Thaïs*, o texto foi editado pela primeira vez em livro, em Paris, por Calmann-Lévy.

No romance, cuja ação decorre no Egito, entre o deserto, onde habitam eremitas, numa vida voltada para a ventura espiritual, e a cidade de Alexandria, na qual proliferam os impuros desejos carnis, o autor põe em contraste o conflito existente em princípios básicos defendidos pela Igreja de Cristo, que, ao opor o bem ao mal, pressupõe, de um lado, a dor e o amor divino ligados ao céu e, do outro, o prazer e o amor físico conotados com o inferno; e, entre eles, esvoaçando a tentação. O monge Paphnuce, para quem a mulher é o pior inimigo do homem, pois transforma-se em terrível ao dar prazer, mas que, apesar ou talvez por isso, decidiu desenvolver todo o seu esforço com o propósito pri-

macial de converter à fé cristã a célebre cortesã Thaïs. Atingido o seu propósito, e após levá-la até à casa de salvação, o convento dirigido pela abadessa Albina, no seu espírito permaneceu a imagem da beleza pecadora, cada vez mais desejada, visão incapaz de abandoná-lo mesmo depois da conversão e até da morte de Thaïs. O fanatismo de Paphnuce e a figura da mulher como pecaminosa não deixam de ser assimilados a intransigências de dogmas milenários da Igreja.

Thaïs terá sido o romance que, da vasta produção literária de Anatole France, desencadeou as mais acaloradas opiniões, muitas delas contraditórias. Um número apreciável de conhecedores da sua obra considera ser este um dos textos em que mais se evidencia o génio da escrita anatoliana.

O seu êxito traduziu-se numa grande aceitação junto do público e da crítica, assaz diferente da posição da Igreja, interligada também com as posições sociais e políticas do autor, sinteticamente expressa na notícia publicada no jornal de Lisboa *A Capital*, n.º 4126, de segunda-feira, 10 de julho de 1922: “Anatole France apontado a dedo. – É excomungada toda a obra do ilustre escritor.”

II. A ÓPERA *THAÏS* DE JULES MASSENET

Jules-Émile-Frédéric Massenet nasceu em Montaud, Saint-Étienne, em 12 de maio de 1842 e faleceu em Paris, no dia 13 de agosto de 1912. Tinha seis anos quando a família se mudou para Paris, onde Massenet fará os estudos musicais, tendo ingressado no Conservatório de Paris em 10 de janeiro de 1853. Dez anos mais tarde, com a cantata *David Rizzio*, obtém o primeiro prêmio de Roma, cidade em que permanece durante os três anos seguintes, regressando, em seguida, à capital francesa. Nesta reencontra Georges Hartmann, que assumirá o papel de editor das suas composições, e inicia um vínculo com a Ópera Cômica de Paris, resultando desta conjugação de meios um decisivo impulso na sua carreira. Em 1867 concebe a sua primeira obra lírica, *La grand'tante*, e rapidamente adquire notoriedade como compositor. A ópera *Le Roi de Lahore*, com libreto de Louis Gallet, estreada na Ópera Garnier, em Paris, no dia 27 de abril de 1877, constituiu verdadeiramente o seu primeiro êxito neste domínio musical, onde, para além de *Thaïs*, considerando ainda hoje o nível de apreço do público e da crítica, se deve salientar o sucesso de *Manon*, apresentada em 19 de janeiro de 1884 na Ópera Cômica de Paris, e de *Werther*, cuja *première* teve lugar no Teatro Imperial de Ópera, em Viena, Áustria, em 16 de fevereiro de 1892, na versão em língua alemã, e em Paris, na Ópera Cômica, no idioma original, no dia 16 de janeiro do ano imediato. Jules Massenet manteve, até ao final da vida, um trabalho constante de produção, representado por um número deveras significativo de obras, muitas delas de inegável mérito artístico. Em simultâneo com a sua criação musical, desempenhou a função de professor no Conservatório de Paris, no qual recusou exercer o cargo de diretor com o pretexto

de que o tempo alocado a tal incumbência iria constituir um óbice para a sua atividade de compositor. Na sua ação como docente deixou também uma imagem de elevada mestria.

Jules Massenet, entusiasmado com *Thaïs*, na sua opinião um texto capaz de tentar qualquer compositor, ajustou com Anatole France a adaptação ao teatro do argumento da obra. O escritor, que já tinha a experiência anterior de *Les Noces Corinthiennes*, aceitou a incumbência e procedeu à adequação do seu romance à forma cénica, tendo, para o efeito, procedido a ajustamentos assimiláveis à linguagem teatral, apesar de tal poder ter correspondido à quebra de alguma da carga simbólica presente no contexto amplo da história religiosa. Escritor e compositor, de comum acordo, entregaram a Louis Gallet [Valence, Drôme, 14 de fevereiro de 1835 – Paris, 16 de outubro de 1898] a missão de, a partir do argumento teatral anatoliano, produzir o libreto para uma ópera. A resultante surgiu na forma dum poema mélico, livre, conceção inovadora para a época. No uso de uma ironia que podemos assimilar à do próprio Anatole, o libretista reconhecia a dificuldade em encontrar “palavras nobres” que rimassem com o nome do protagonista do romance, Paphnuce, dado que as que existiam, apenas duas, não eram passíveis de ser utilizadas, pois, segundo Louis Gallet, se *puce* não se poderia considerar palavra poética, a outra, *prépuce*, não era, certamente, a mais adequada. A opção, sem objeções de Anatole France e de Jules Massenet, tendo em conta o efeito de sonoridade, foi atribuir no libreto ao eremita o nome de Athanaël. As melodias que emanam da partitura de Massenet criam um admirável enquadramento para a história de *Thaïs*. A *meditação*, interlúdio entre duas cenas do segundo ato, para a maior parte dos espectadores a parte mais harmoniosa da ópera, constitui também o elo motivador da transformação do drama, quiçá da contextualização trágica.

A ópera *Thaïs*, “comédie lyrique en trois actes et sept tableaux”, foi representada pela primeira vez em Paris, na Ópera Garnier, no dia 16 de março de 1894. No elenco participaram: *Thaïs* – Sybil Sanderson, soprano em quem o compositor terá pensado ao elaborar a partitura; *Athanaël* – Jean-François Delmas, barítono conhecido profissionalmente como Francisque Delmas; *Nicias* – Albert Alvarez; *Palémon* – François Delpouget; *Albine* – Beauvais; *Crobyle* – Jeanne

Marcy; *Myrtale* – Meyrienne Heglon; *Un serviteur* – Euzet. Na direção da orquestra esteve o maestro Paul Taffanel. Em abril de 1898 houve, no mesmo local, uma *reprise* com novos cantores, mas mantendo-se Francisque Delmas como Athanaël, enquanto a figura de Thaïs foi desempenhada por Lucy Berthet.

O libreto foi quase de imediato traduzido para a língua italiana, facto natural dada a influência marcante deste idioma no universo operático, no qual *Thaïs* foi cantada pela primeira vez no Teatro Lírico Internacional, em Milão no dia 17 de outubro de 1903, numa companhia que teve a famosa Lina Cavalieri a desempenhar o papel de Thaïs e Francesco Maria Bonini como Athanaël.

Até ao final da temporada de 1907-1908, com uma mera exceção no ano de 1878, no Real Teatro de São Carlos somente cantavam companhias líricas italianas, com uso exclusivo do seu idioma. Óperas de autores de nacionalidades distintas da italiana, como alemães ou franceses, tinham o libreto original traduzido para italiano, mas idêntica situação acontecia relativamente a qualquer autor português, como foi, por exemplo, o caso de Alfredo Keil, em 1899, com a ópera *A Serrana*. Esta particularidade levava a que o São Carlos fosse usualmente apelidado de “Teatro Italiano”.

Neste contexto, nas primeiras representações no Teatro de São Carlos, a ópera *Thaïs* foi cantada na versão italiana para, nas exposições seguintes, em 1920 e 1921, já estar presente o idioma do libreto original.

III. A RECEÇÃO CRÍTICO-VALORATIVA DA ÓPERA *THAÏS* NA IMPRENSA PORTUGUESA DA ÉPOCA

A primeira referência na imprensa portuguesa à exibição no nosso país da ópera *Thaïs* surgiu, em diversos jornais, de 9 de novembro de 1904, ao relatarem a apresentação, efetuada no dia anterior, do elenco para a próxima temporada lírica da companhia do Real Teatro de São Carlos, a cargo do seu empresário, comendador José Pacini, que, para o efeito, se deslocou ao Paço das Necessidades para entregar o respetivo programa a Suas Majestades. A importância atribuída pelos periódicos lisboetas a este acontecimento é demonstrativa do relevo dado, na época, à ópera como manifestação artística e, em simultâneo, social. A descrição pormenorizada do elenco, onde, na rubrica “Reportório – Operas novas”, era anunciada a representação de *Thaïs* de Massenet, foi publicada no *Diario*, *Diario de Noticias*, *Diario Illustrado*, *O Mundo* e *Vanguarda*. O *Dia* opta por dar à notícia um cariz mais elaborado, apresentando um artigo em forma de entrevista, antecedida de uma introdução esclarecedora com laivos literários, como se depreende do seguinte extrato: “agora que o inverno exilou para longe o sol amigo, e que Lisboa espera a hora ansiosa em que a orchestra preludie os primeiros compassos, com a assignatura official do inverno decretado”. O título do artigo de *O Dia* era, em si próprio, suficientemente sugestivo: “S. Carlos – A epocha lyrica – Apontamentos sobre o elenco – Com um velho frequentador do theatro – No segredo dos deuses – Um dialogo de relance”.

No quadro da acentuada relevância outorgada à vida artística, e na perspectiva da ópera, é interessante focar a informação do *Novida-*

des, de 18 de novembro de 1904, sobre a “illustre artista portugueza” Regina Pacini, “escripturada para algumas recitas extraordinarias no theatro de S. Carlos de Napoles”, cantando em seguida em Monte Carlo e Paris, aqui “por ocasião da temporada de opera lyrica italiana da empreza Sonzogno”.

A inauguração da época lírica no Real Teatro de São Carlos começou por ser noticiada em *O Popular* e no *Correio da Noite*, de 29 de novembro de 1904, tendo como data fixada o dia 16 do mês imediato. Em 2 de dezembro, enquanto o *Novidades* confirmava o início da temporada de ópera no dia já referido, o *Correio da Noite* dizia que a companhia deveria chegar a Lisboa no próximo dia 11, pois partiria de Génova três dias antes, num “vapor” expressamente fretado pelo empresário José Pacini, informação corroborada pelo *Diário de Notícias* de 5 de dezembro.

O *Seculo*, em notícia de 9 de dezembro de 1904, dava nota da partida de Génova, no dia anterior, da companhia lírica que viria atuar em Lisboa, sendo realçada a figura do “notavel barytono Max-Bouvet”, que cantara “no theatro da Ópera Cómica de Paris, e no da Ópera de Monte Carlo [...] pela primeira vez, por indicação e escolha do proprio maestro Massenet, a opera *Thaïs*. [...] opera *d’obligo*, e ainda desconhecida do nosso publico.” Maximilien-Nicolas Bouvet, que nunca tinha atuado em Portugal, viria a desempenhar o papel de Athanaël na representação de *Thaïs*, na sua primeira exibição no nosso país. O *Diario de Noticias* do mesmo dia afirmava que “Este distinto artista foi o cantor preferido pelo maestro Massenet para primeiro interprete, como foi, das suas mais importantes operas, entre outras a *Thaïs* a brilhante partitura que o publico de Lisboa terá ensejo de ouvir pela primeira vez na presente epoca”.

No dia seguinte, o *Correio da Noite* dizia ter partido de Génova a companhia lírica do Real Teatro de São Carlos, “numerosa e composta de elementos de primeira ordem”, sendo igualmente enfatizada a arte de Max Bouvet e repetida a errónea informação dele ter participado na primeira récita da ópera *Thaïs*. Como vimos, na exibição inicial desta obra, na figura de Athanaël esteve Francisque Delmas e na de Thaïs a soprano Sibyl Sanderson, sendo a direção da orquestra de Paul Taffanel. Max Bouvet não fez sequer parte do elenco.

Em 11 de dezembro, *O Seculo* esclarecia que, devido ao mau tempo, “o paquete expressamente fretado pela empresa Paccini, conduzindo toda a numerosa companhia lyrica escripturada para o theatro de S. Carlos” só zarpara do porto de Génova no dia 9. A ocasião era aproveitada para informar que estavam na fase final as importantes obras de melhoramento no Real Teatro de São Carlos, em especial no domínio da iluminação, a qual não deixaria de produzir um “efeito deslumbrante”.

Nos subseqüentes dias 13, 14 e 15, o *Novidades* foi descrevendo a chegada da companhia: primeiro o barítono Max Bouvet e o maestro Vincenzo Lombardi e depois, a bordo do navio *Princesse Alice*, os restantes cento e trinta e dois membros da companhia. Dada a ocorrência de algum atraso na chegada dos artistas, relativamente ao que tinha sido previsto, desde logo era referido o adiamento da récita de abertura, facto também acentuado pelo jornal *O Mundo*. Finalmente, em 16 de dezembro, o *Diario de Noticias* e *O Seculo* informavam que a inauguração da época lírica teria lugar no domingo, dia 18, com a representação da ópera *Otelo*, de Giuseppe Verdi. O *Diario de Noticias* complementava a notícia com a informação que estavam concluídas as obras no Real Teatro de São Carlos, as quais tinham obedecido a princípios de segurança e de comodidade do público e ao embelezamento da sala. *A Verdade* aproveitava a circunstância de noticiar o começo da época lírica para atacar os novos compositores, pois, segundo o articulista, “o repertorio moderno não vale um caracol, em face do velho arquivo dos grandes *maestros*”.

Em 20 de dezembro, era publicado no *Novidades* um extenso artigo intitulado “A *Thaïs* de Massenet. A primeira opera nova da epoca em S. Carlos. O libretto”. Pode dizer-se que assim se inicia, na imprensa portuguesa, a análise com algum grau de profundidade da referida obra musical, associando-a não somente ao romance de Anatole France, mas também à sua fonte. Começa por informar que “Deve cantar-se em S. Carlos, n’um dos próximos espectaculos, [...], a *Thaïs* de Massenet, que é a primeira opera nova da temporada”. Em seguida, diz ter o respetivo *libretto*, de Louis Gallet, sido “extraído do romance de Anatole France, que, por seu turno, se inspirou na obra *Les vies des Pères du désert*, de Amolineau. N’esta ultima obra, o seu auctor, que viveu, durante algum tempo, nos conventos da Thebaida, descreve

os monges egypcios de ha dezesete seculos, que ali se maceravam, constantemente, com os cilicios e que tinham o culto sagrado da castidade." Após explicar a forma como o compositor tomou conhecimento do texto anatoliano e sua posterior relação com o autor do romance e o libretista, descreve pormenorizadamente o enredo da ópera.

O Seculo, de 21 de dezembro, anunciava, num artigo intitulado "Real Theatro de S. Carlos. Opera *Thaïs* do maestro Massenet", a subida à cena, no dia imediato, "da nova opera para o publico de Lisboa *Thaïs*, partitura de Massenet, em 3 actos e 7 quadros, letra de Luiz Gallet, extrahida do romance de Anatole France e inspirada na obra *Les vies des pères du désert*, de Amolineau". Seguidamente são indicados os principais intérpretes e a direcção da ópera, concluindo com a informação de que o cenário e o guarda-roupa tinham sido executados de acordo com a mesma exhibição em Paris.

No dia seguinte, o matutino *Jornal da Manhã* noticiava: "Canta-se hoje em S. Carlos, pela primeira vez, a opera *Thaïs* de Massenet. [...] A *Thaïs* repete-se na sexta-feira, em 2.^a recita". Acrescentava que "as duas primeiras operas a subir á scena no theatro de S. João do Porto são a *Sapho* e a *Thaïs*, de Massenet". O *Novidades*, depois de dar nota da partida para Paris de Regina Pacini, informa que "Ámanhã repete-se em S. Carlos a opera *Thaïs*, de Massenet." O *Popular* dizia que não se deveriam alongar demasiado na crítica de *Thaïs*, pois "estamos escrevendo n'um jornal politico e não em uma revista da especialidade."

Efetivamente, na quinta-feira, 22 de dezembro de 1904, a ópera *Thaïs* foi cantada pela primeira vez em Portugal, na versão italiana do *libreto*, no Real Teatro de São Carlos, em Lisboa, sob a direcção do maestro Vincenzo Lombardi e com a seguinte distribuição dos personagens: *Athanaël* – Max Bouvet; *Nicias* – Dante Zucchi; *Palemone* – Eduardo Medosi; *Thaïs* – Adriana Palermi; *Crobila* – Margherita Almansi; *Mirtale* – Margherita Manfredi; e *Albina* – Marcella Giusani. Foi reposta em cena nos dias 23, 25, 27 e 30 do mesmo mês.

Na data subsequente à primeira exhibição, 23 de dezembro, os jornais lisboetas davam significativo relevo à estreia de *Thaïs*, em diversos artigos de recensão crítica a esta obra musical.

No *Diario*, sob o título "A opera *Thaïs*" (por gralha aparece *Fhais*), era acentuado o mérito de Massenet, "um dos que mais poderosamente

tem contribuído para o engrandecimento da escola franceza”, a qual, no dizer do articulista, “tem uma feição especial, propriamente sua, que as evoluções por que a arte tem passado não tem conseguido destruir, acompanhando porém sempre essas evoluções de forma a empregar os novos processos sem contudo perder nada da sua originalidade.” Considera depois que a exibição de *Thaïs* foi uma forma do nosso teatro lírico colmatar o anterior abandono do género francês. Embora reconheça mérito a esta ópera, com “trechos de grande inspiração, uma apropriada côm local e indiscutível originalidade”, entende o crítico que ela é inferior a outras obras do compositor, *Manon* e *Werther*. Segundo ele, o misticismo e a psicologia não são muito próprios para serem desenvolvidos numa ação teatral. Descreve em seguida o entretcho da ópera, considerando que Massenet tratou de forma superior a cena final da morte de *Thaïs*, de grande efeito, uma das melhores páginas de música produzida pelo autor. Debruça-se depois sobre o mérito dos artistas, atribuindo inquestionavelmente a Max Bouvet a primazia do elenco, e do maestro Vincenzo Lombardi, “para quem todos os elogios são poucos”. Não deixa, por fim, de assinalar o solo de violino executado por Alessandro Genesini.

O *Diário Illustrado* encimava o artigo “Massenet – A sua obra – A ‘première’ da *Thaïs* em S. Carlos” com a fotografia do maestro Vincenzo Lombardi. De início, é feito o elogio do compositor e alusão à sua produção artística, sendo destacado que “a ópera que consagrou Massenet foi o *Rei de Lahore*, mas onde se vê a fertilidade da sua veia poetica, o filigranado do labor, é na *Manon Lescaut*, cantada em ‘première’ a 19 de Janeiro de 1884, em Paris, na Opera Comica”. Como se vê, existe aqui um lapso, pois a ópera *Manon Lescaut* é da autoria do compositor italiano Giacomo Puccini [Lucca, 22 de dezembro de 1858 – Bruxelas, 29 de novembro de 1924], tendo sido estreada em 1 de fevereiro de 1893, em Torino, no Teatro Régio. Na data e local indicados pelo articulista foi representada pela primeira vez a ópera *Manon*, de Jules Massenet. De facto, ambas têm a particularidade do libreto ser baseado no romance *L’Histoire du Chevalier des Grieux et de Manon Lescaut*, da lavra do escritor francês Antoine François Prévost [Hesdin, 1 de abril de 1697 – Courteuil, 25 de novembro de 1763], mais conhecido pelo seu título eclesiástico de Abbé Prévost. O

jornalista prossegue com a descrição de *Thaïs*, a qual, “como todas as partituras de Massenet, [...], não tem a grandiosidade das operas de Wagner, Halévy e Meyerbeer, mas a contextura rendilhada, cheia d’inspiração que denota o refinado temperamento” do compositor. O crítico aplaude depois o elenco, em particular Max Bouvet, “soberbo, admiravel”. Por último, é salientada a qualidade da orquestra e do seu diretor, maestro Lombardi, e feita especial referência ao “1.º violino Genesini, pela delicadeza e intensidade de sentimento que imprimiu ao ‘solo’ do ‘intermezzo’, cujo acompanhamento á harpa foi feito por Olga Agnini”.

Para o comentador do *Diario de Noticias*, Júlio Neuparth, assinando apenas com as iniciais J. N., no artigo denominado “S. Carlos. *Thaïs*. Comedia lyrica em 3 actos e 7 quadros, poema de Louis Gallet, musica de Massenet”, esta ópera fica a perder relativamente a outras obras do compositor, na variedade e no colorido, fruto apenas das restrições do enredo, que não lhe permite “largos voos d’inspiração”. No entanto, não deixa de sublinhar os trechos que mais o impressionaram e nos quais “Massenet com o seu pulso experimentado de compositor com mais efficacia logrou traduzir em musica a acção a um tempo mystica e apaixonada do romance de Anatole France.” Acentuando igualmente o solo de violino, enquadrado numa “situação theatral verdadeiramente notavel”, considera que esta nova partitura “no seu aspecto geral terá o que quer que seja de oratoria, mas nem por isso deixa de attestar o merito e as faculdades que tornam Massenet um dos compositores mais notaveis da actualidade.” Ao desempenho dos artistas atribui os maiores elogios, em especial para o “trabalho notabilissimo do barytono Bouvet”, extensivos à orquestra que “houve-se optimamente sob a direcção do maestro Lombardi”.

No *Jornal da Manhã*, que noticiara a realização da estreia no dia anterior, o redator, sob as iniciais A. F., num artigo com o título “A nova opera *Thaïs*, de Massenet”, dizia ter esta sido do agrado geral do público, o qual tributou merecidos aplausos à soprano Palermi e ao barítono Bouvet, bem como a outro dos heróis da noite, o maestro Lombardi. Era dada nota da presença no espetáculo da casal real.

O *Jornal do Commercio* reconhecia, no artigo “S. Carlos. – *Thaïs*, drama lyrico em trez actos e sete quadros, de J. Massenet”, o mérito da

empresa do teatro lírico ao apresentar uma ópera das *d'oblige*, ainda mais nunca ouvida em Lisboa. Na perspectiva do articulista, “prestou-se o romance de Anatole France à extracção de um libretto arreglado por Luiz Gallet, que nelle tentou, pela primeira vez, a tal chamada *poesia melica*, que não é verso, mas que não quer ser prosa, e que é, afinal de contas, apenas uma prosa rythmada e harmoniosa, como noutros tempos se ensinava a fazer. O libretto italiano seguiu-lhe a piugada [*sic*]”. Após sintetizar o tema de *Thaïs*, salientando a diferença entre a lenda e o romance, descreve o entrecho da ópera, para concluir não haver no drama “situações empolgantes e de paixões vivas”, o que lhe retira os elementos indispensáveis para uma peça atrativa, resultando, em consequência, um enquadramento musical necessariamente monótono. Apesar disso, “a partitura de *Thaïs* tem paginas de uma delicia rara.” Quanto ao desempenho, citava a orquestra e o seu maestro, Genesini, “o violino de *spalla*”, Bouvet e Palermi, esta certamente ainda mais bela do que a verdadeira *Thaïs*.

O crítico de *O Mundo*, no texto denominado “S. Carlos – *Thaïs*, drama lirico em 3 actos e 7 quadros de Luiz Gallet, musica de Massenet”, lamentava a receção da plateia, fria, hostil e, portanto, profundamente desanimadora. Em tom veemente, não hesita em declarar que “em lhe dando espectáculo que se desvia daquellas tradições apirolitadas, que tem o condão de as desencadear num delirio de aplausos, a sala assume um aspecto soturno, que teria uma plateia de creanças perante uma conferencia do Haeckel ou do Barthelot. [...] O anno passado patearam ignominiosamente Weber, este anno começam por não perceber Massenet.” Apoiando os empresários que procuram diversificar a programação, continua a insurgir-se contra o público de São Carlos, o qual “não tem outra noção superior de musica, que não seja a do ‘Profeta’ a das ‘Vesperas’ a da ‘Tosca’ a do ‘Ma-que-bête’”. Em seguida, considerando já ter desabafado, fala do desempenho da companhia, remetendo para o dia seguinte o comentário sobre a peça e a música. A sua exteriorização de sentimentos contra os espectadores presentes na estreia de *Thaïs* em Lisboa não estava afinal ainda completa e ressurgue na análise da *performance* do elenco da ópera. “No papel de Atanael, Paphnuce do romance de Anatole France, estreou-se o baritono sr. Max Bouvet, um dos artistas que com mais autentica glo-

ria e lustre sustenta as tradições da boa escola franceza.” Mas como “não lhes atroou os ouvidos com uma berraria em ‘dó’ agudo, e elles em não lhes estoirando os timpanos não gostam”, não lhe foi demonstrado o incontestável mérito. O papel de Thaïs impõe que, além de boa cantora, a artista seja “uma mulher bonita e bem feita. [...] A *Thaïs* foi creada pela Sanderson, que era sobretudo uma lindissima mulher. E hoje tem sido aclamada, quando feita pela Cavalieri; a nossa conhecida e chorada Cavalieri!” Por mais tolerante que se seja, ninguém admitirá facilmente a “Thaïs representada pelo sr. Alpoim ou pelo sr. Augusto Ribeiro em ‘travesti’”. Ora, Adriana Palermi, “sob o ponto de vista de plastica, é de se lhe tirar... a capa” e como “possue uma voz de soprano com um registo central muito agradável” desempenha muito bem a Thaïs. A figura de Nicias, bem como o respetivo cantor, Zucchi, merecem severa crítica, ficando para o restante elenco a indicação de não ter andado mal. A orquestra, o maestro, o “concertista de violino”, Genesini, e o corpo de baile são moderadamente elogiados.

O *Popular*, sob o título “*Thaïs* de Massenet”, remetia para o dia seguinte a publicação da resenha acerca da *première* da *Thaïs*, mas, desde logo, acentuava o elevado talento de Max Bouvet, na dupla faceta de cantor e ator, qualidades indispensáveis para uma ótima interpretação da difícil e fatigante figura de *Athanaël*, e os predicados da soprano Adriana Palermi, “que além de possuir uma voz fresca e argentina, possui o requisito indispensavel para o desempenho do papel de Thaïs; é formosa e o seu corpo *elancé* tem as seducções da plastica, que podem enlouquecer não só um cenobita, mas até muito grave conselheiro que da plateia dardejava olhos cubiçosos para aquella seductora mulher.” Os coros e os bailados agradaram e o *intermezzo* orquestral do terceiro ato provocou uma ovação, partilhada pelo maestro Lombardi e pelo primeiro violino, Giannini [*sic*]. No final era referido que nesse dia haveria repetição da ópera *Thaïs* no Real Teatro de São Carlos.

“A opera *Thaïs* de Massenet. Real theatro de S. Carlos” era como *O Seculo* intitulava a crítica à sua estreia. “Cantou-se hontem pela primeira vez em Lisboa o drama lyrico em tres actos *Thaïs*, do celebre compositor francez Jules Massenet, e cujo libretto foi extrahido por Gallet do romance de Anatole France.” Ao invés da opinião expressa

em *O Mundo*, é referido ter o público compreendido as melodias suaves que encerra esta partitura, embora não inteiramente original, pois tem “reminiscências de outras operas do mesmo compositor”. Em seguida, o autor do artigo descreve pormenorizadamente o enredo da ópera, enfatizando alguns pormenores que considera de maior beleza, com destaque para as interpretações de Bouvet e de Palermi, bem como para a execução da *Meditação*, onde, de novo, é feita menção especial a Genesini, no solo de violino, acompanhado por Olga Agnini na harpa, e ao maestro Lombardi. No termo do artigo, antes de ser informada a realização, nesse dia, da segunda récita de *Thaïs*, é dado relevo à presença no espetáculo de suas majestades, rei D. Carlos e rainha D. Amélia. A esta chegou a ser atribuído algum inêxito do espetáculo, devido a ter-se oposto ao uso de vestes consonantes com a figura de cortesã e até da forma de se apresentar perante a plateia por parte da intérprete da protagonista.

No periódico *Vanguarda*, sob a mera designação “Theatro de S. Carlos”, o jornalista autointitulado Mephistopheles, dava igualmente nota da estreia de *Thaïs*, fazendo o resumo do libreto, “poema que Massenet tratou com uma elevação e delicadeza, que attingem, quanto de mais sublime existe nas suas composições operistas”. Quanto ao desempenho, são especialmente focados os dois papéis principais, Thaïs e Athanaël, e um de relativa relevância, Nicias, todos bem defendidos pelos intérpretes. O trabalho do maestro é considerado admirável.

No dia seguinte, sábado, 24 de dezembro de 1904, enquanto *O Seculo* noticiava que, por ser noite de Natal, não haveria espetáculo no Real Teatro de São Carlos, cantando-se amanhã a *Thaïs*, *O Mundo* e *O Popular* desenvolviam conforme tinham anunciado, o tema da estreia em Lisboa da ópera de Jules Massenet.

Em continuação da crítica iniciada na véspera, *O Mundo*, agora apenas sob o título “*Thaïs*”, era dito que “de todas as obras de arte, que a lenda – se lenda deva chamar-se-lhe – da *Thaïs* tem inspirado, a mais bela é sem contestação o romance de Anatole France.” Embora seja de relevar o mérito da obra musical, esta é “de categoria artística inferior á obra literaria do Mestre incontestado da moderna literatura franceza.” Louis Gallet é reprovado na exposição sobre o

libreto, por ter transformado o Nicias de Anatole France, subtil e delicioso filósofo, “numa especie de pandego ameno, especie de adido de legação daquelas epocas”. Reconhecendo a dificuldade em traduzir em música a filosofia de Nicias, que assimila à do próprio Anatole, não perdoa, contudo, o crítico que o libretista tenha feito do filósofo um simples pândego, o que quase pode ser assumido como uma profanação. No que respeita à música da ópera, no seu conjunto, a partitura, embora inquestionavelmente bela, com trechos de grande fulgor, não terá atingido a desejada perfeição. E, “se Massenet tem sido de facto o compositor da mulher, [...] não é na *Thaïs* [...] que estas tendencias feministas mais se afirmam”, isto porque, nesta ópera, se alguma afirmação está presente é a de Athanaël, “uma das mais bellas figuras da galeria de Massenet. Apesar de ter acentuado pormenores menos positivos, o crítico não deixa de voltar a referir a injusta reacção dos espectadores, ao expressar, em conclusão, que *Thaïs* é “uma daquelas puras e gloriosas obras de Arte, que só não são aclamadas entre barbaros”.

O crítico Ferreira Mendes, sob as iniciais F. M., na crónica “*Thaïs* de Massenet”, com o subtítulo “Drama lyrico em 3 actos e 7 quadros, libretto de Luigi Gallet”, publicada no jornal *O Popular*, diz que “Jules Massenet, o primacial compositor francez, [...] encontrou no poema *Thaïs*, extrahido do soberbo romance de Anatole France, ensejo para novamente expandir a sua inspiração, a sua veia melodica e as suas qualidades de colorista insigne”, pondo em confronto dois sentimentos antagónicos, a religião e o amor profano. O monge Athanaël, trazendo do deserto a fé redentora, desce até à cidade do vício, Alexandria, para arrancar ao luxo, à vida impudica a cortesã, que até ali só rendia culto a Vénus e a Eros, convertendo-a, pela expiação à fé cristã. Mas Athanaël tem as fraquezas humanas e fica ele próprio vergado à beleza de Thaïs, sofrendo uma paixão devastadora. As figuras dos protagonistas são magistralmente tratadas por Massenet, que “descreve á maravilha as paixões violentas que conturbam a alma humana, produzindo-nos uma das mais penetrantes e inolvidaveis emoções intellectuaes”. F. M. termina tecendo elogios a Max Bouvet e Adriana Palermi e também ao primeiro violino, Genesini, e ao maestro Vincenzo Lombardi.

A *Verdade* do dia de Natal, ao referir a inauguração da época, sob o título “S. Carlos”, informa que, por motivos alheios à vontade do “nosso prestimoso critico musical”, a análise da audição de *Thaïs* só poderá aparecer no próximo número.

Em 26 de dezembro, no *Novidades*, numa crônica bastante desenvolvida denominada “*Thaïs*”, surge o comentário à exibição da ópera, cuja apresentação este periódico fizera no pretérito dia 20. O seu autor vem também zurzir nos espectadores, a propósito da incompreensão manifestada quanto ao primeiro quadro, que, no entanto, é claramente “o melhor, o mais completo, o mais homogêneo, como documento de técnica e como estudo de ambiente.” Mas o valor de uma obra de arte, particularmente no domínio da música, “está sempre, ou quase sempre, na razão inversa do seu efeito sobre as multidões e, em especial, sobre as multidões desqualificadas para julgar do seu merecimento, como esta platéia do S. Carlos”, a quem o crítico aponta uma reconhecida incoerência na apreciação das obras musicais. Segue-se uma pormenorizada descrição da ópera, onde é chamada a atenção dos leitores para alguns trechos de maior beleza. Nestes, não integra o articulista o *intermezzo* orquestral da *meditação de Thaïs*, pois, segundo ele, há outros nos quais “Massenet se eleva a maior altura como artista de rara grandeza.” Na análise do desempenho dos artistas, cita, em primeiro lugar, Adriana Palermi, “uma mulher formosa”, possuindo, portanto, uma das qualidades exigidas para a interpretação de *Thaïs*. No entanto, “a beleza da sua voz não pôde, certamente, comparar-se á beleza do seu rosto.” A Max Bouvet, cantor admirável, é reconhecido um trabalho primoroso. “A criação de Paphnuce, de Anatole France, e do Athanaël, de Massenet” é feita por um artista perfeitamente identificado com o espírito do texto do romancista e com o caráter da obra do compositor. Não deixa, contudo, de ser pedido ao barítono que aplique um pouco mais de sobriedade “às suas exhortações, quando, em diferentes pontos do drama, chama por *Thaïs*.” No final, são proferidas referências elogiosas ao maestro Lombardi, ao violinista Genesini, aos cantores Zucchi e Medosi, à mímica Mantovani e à bailarina Bossi, culminando com a dedicada “á empreza pela iniciativa de pôr em scena a *Thaïs* e pelo rigor da *mise-en-scène* com que essa iniciativa foi realizada.”

A última notícia publicada em 1904 sobre a ópera *Thaïs* aparece em 29 de dezembro, no jornal *Novidades*, que, sucintamente, informa a realização de nova récita no dia seguinte. Tratava-se da quarta e derradeira exibição de *Thaïs* nesta temporada lírica do Real Teatro de São Carlos. No início do ano imediato, houve ainda uma representação da mesma ópera no Teatro de São João, no Porto, mas com um elenco diferenciado relativamente às exibições em Lisboa.

Foi preciso esperar década e meia para que a ópera *Thaïs*, de Jules Massenet, voltasse ao cartaz do Teatro de São Carlos. Neste interregno, entre outros acontecimentos, a Europa foi devastada pela Primeira Guerra Mundial, emergiu a União Soviética e, em Portugal, a Monarquia foi substituída pela República.

Voltando à *Thaïs* e situando-nos no domingo, 1 de janeiro de 1905, o periódico *A Verdade* referia-se, num artigo intitulado “S. Carlos”, às óperas *Thaïs*, *Aida* e *Lohengrin*. Focando, conforme tinha sido prometido, a *première* de *Thaïs*, entende o crítico que o público teve “ocasião de apreciar as delicias da escola musical franceza, unica que se adapta ao meio artistico da geração moderna.” Contudo, não deixa de sublinhar que “os velhos *diletanttis* torcem o nariz a tudo que não seja o velho repertorio da sublime escola italiana, mas vão-se conformando porque [...] também o velho repertorio da escola hespanhola, que fez as delicias dos nossos maiores, repousa nos archivos poeirentos da patria de Cid.” No seu apelo à modernidade, o comentador diz não estarem longe os tempos em que o público de São Carlos receba as composições de Massenet como em tempos idos apreciava a execução das partituras de Meyerbeer. Dado que a imprensa diária “de grande formato” já tratara em profundidade o tema de *Thaïs*, reduzia as suas considerações à constatação de que Massenet, a partir de um libreto banal, “quasi sem nexo”, elaborou uma composição simplesmente divina. A citação do desempenho dos artistas focaliza-se em Max Bouvet e em Adriana Palermi, “que tem tanto de formosa como o seu colega tem para aguentar, desde o primeiro ao ultimo acto, um trabalho de-veras esmagador!”. Acaba *A Verdade* com um elogio ao empresário do Real Teatro de São Carlos, José Pacini, por conseguir apresentar um reportório variadíssimo.

Ainda neste dia de ano novo, 1905, o *Diario* anunciava que, seguindo-se às exibições de *Thaïs*, no São Carlos cantara-se na noite anterior *Lohengrin*, de Richard Wagner. E é a propósito desta ópera que o crítico José Maria G. de Melo, assinando Mar Mellus, faz, no *Jornal do Commercio*, um expressivo panegírico da cantora Adriana Palermi, “que devia chamar-se *Eva*, synonimo de *tentação*, pela sua formosura peregrina”, mas que demonstrou também ser uma artista de muito talento. É inquestionável que contra ela existia “uma certa *camorra* [...] ou antes, um certo *parti-pris* de achar mau o seu desempenho da parte de *Elsa*. Que não podia ser uma boa *Elsa*, quem foi uma excellente *Thaïs*. [...] A formosa artista, porem, tam formosa d’alma como de rosto, provou que assim como pode com os olhos hypnotisadores que Deus lhe deu prender-nos, tambem sabe com o seu talento sympathico avassallar ainda os mais rebeldes.” Tema análogo era objeto de comentário por parte do articulista de *O Popular*, Ferreira Mendes, utilizando as iniciais F. M., para quem a soprano “livre da terrivel tessitura em que está escripta a *Thaïs*, teve ensejo de patentear, não só todo o frescôr e lindo timbre da sua voz vibratil e insinuante”, mas também através da expressão, do gesto e da atitude em cena soube transmitir em *Elsa* “toda a exteriorisação requerida no poema wagneriano.” Para *O Seculo*, Palermi está mais à vontade no papel de *Elsa* do que no de *Thaïs*, merecendo o justo aplauso do público. No dia seguinte, *A Tarde* expressava idêntica opinião, ao afirmar que “a parte de *Elsa* foi desempenhada pela prima donna Palermi que n’este papel nos pareceu muito melhor artista do que no de *Thaïs*.”

O Mundo, de 6 de janeiro de 1905, fazia uma ligeira alusão à *Thaïs*, no decurso do artigo sobre o *Rei de Lahore*, de Massenet, dizendo o crítico que estava a ouvir esta ópera e a lembrar-se da *Thaïs*, de *Manon* e de *Werther*.

Em 8 de janeiro, *A Verdade* manifestava uma ideia similar às antes aduzidas noutros periódicos sobre “a sr^a. Palermi que, na *Thaïs*, se revelou cantora de merecimento”, provando, “no difficil e trabalhoso personagem de *Elsa*, ser uma cantora distincta.”

Exatamente no mesmo dia, o *Jornal de Noticias*, do Porto, na columna “Theatros”, referia-se à exhibição na véspera, no Real Teatro de São João, nessa cidade, da ópera *Thaïs*, confirmando a notícia inserta

no *Jornal da Manhã*, de Lisboa, de 22 de dezembro do ano transato. Dizia o periódico portuense, em nota intitulada “S. João”, que “Hontem cantou-se com pleno agrado a *Thaïs*, a soberba opera de Massenet. A concorrência que era enorme applaudiu com entusiasmo os principaes interpretes, Veclá e Bensaude.” Como se verifica, não foi a companhia do Real Teatro de São Carlos que esteve presente no Porto, mas uma onde pontificava o cantor português Maurício Bensaúde. No entanto, é possível vislumbrar a exibição no norte do país de artistas pertencentes ao elenco a atuar em Lisboa, através da notícia publicada em *O Popular*, de 25 de janeiro de 1905, fazendo do reaparecimento do barítono Mario Ancona, em substituição de Giuseppe Kaschmann, “que partiu ha dias para o Porto”. A título de curiosidade, anotamos que três anos depois, na noite de 11 para 12 de abril de 1908, um violento incêndio destruiu completamente o Real Teatro de São João, no Porto. A sua reconstrução teve início em 1911, de acordo com o projeto do arquiteto Marques da Silva, vindo a ser inaugurado em 7 de março de 1920.

No *Jornal do Commercio*, de 12 de janeiro de 1905, Mar Mellus aludia a Max Bouvet, a propósito da sua interpretação na ópera *Guilherme Tell*, de Gioachino Rossini, dizendo “que já fizera as suas provas, e com excellento exito, na *Thaïs*”.

Naturalmente, as notícias diretas ou englobando referências sobre *Thaïs* foram escasseando, aparecendo somente em *O Popular* de 9 de fevereiro uma breve menção, inserta na crítica de Ferreira Mendes à ópera *Grisélidis*, de Massenet: “O illustre auctor da *Manon* e do *Werther*, que esboçára na *Thaïs* a sua maneira de colorista insigne, acentua na *Grisélidis* essa sua invejavel faculdade de compositor”.

O *Novidades*, de 20 de fevereiro, e *O Seculo*, de 5 de março, demonstravam que Jules Massenet estivera atento ao desempenho da companhia que, na época lírica do Real Teatro de São Carlos, interpretara obras da sua autoria. No que concerne à *Thaïs*, o *Novidades* transcreve a carta do compositor dirigida à “*prima-donna* Adelina [sic] Palermi, a gentilissima interprete da *Thaïs*”, onde afirma que o êxito desta ópera o impressionou vivamente, não desconhecendo o triunfo da soprano. Felicita Adriana Palermi, expressando-lhe todo o reconhecimento e admiração. *O Seculo* publica a epístola enviada ao maes-

tro Vincenzo Lombardi, na qual Massenet diz: “Sei pela imprensa de Lisboa e por informações particulares com quanto esmero e talento tem dirigido [...] as minhas partituras de *Thaïs*, *Werther* e *Manon* no grande theatro de S. Carlos de Lisboa. Aceite os protestos de reconhecimento e de amizade”.

Finalmente, em 30 de março de 1905, o *Diario* e *O Seculo* noticiavam o termo da época lírica, englobando *Thaïs*, cantada cinco vezes, nas “operas que mais entusiasmo causaram pelo seu conjuncto harmonico e boa *mise-en-scene*”.

Em síntese, pode afirmar-se que a generalidade das críticas sublinha a qualidade musical da ópera *Thaïs* e o mérito do compositor, Jules Massenet. Existem, contudo, algumas divergências quanto ao libreto de Louis Gallet, no que concerne ao desenvolvimento da ação e ao tipo de prosa poética utilizada, não deixando, apesar disso, de ser sistematicamente salientada a excelência da fonte, o romance de Anatole France, facto assinalável, pois dele não existia qualquer tradução para língua portuguesa, o que tem subjacente a leitura no idioma original. No plano cultural e especificamente musical, está patente um interesse bem vincado pelo teatro, em termos gerais, e pela ópera, numa aceção mais restrita, constatável no número significativo de pormenorizados artigos publicados na quase totalidade dos periódicos. Ainda, quanto a *Thaïs*, apesar das críticas positivas, fica latente um menor interesse do público do São Carlos, surgindo comentários denotando uma certa frieza, quiçá um certo grau de hostilidade, por parte de um grupo de espectadores.

Em 1912, dois anos após o advento da República, o agora denominado Teatro Nacional de São Carlos foi encerrado, mantendo-se assim até ao início da temporada lírica de 1919-1920, apenas com uma exceção, quando em 1 de dezembro de 1913 foi representada, numa récita de gala, com a presença de altas individualidades, como Manuel de Arriaga e Afonso Costa, a ópera *O Serão da Infanta*, da lavra do compositor Ruy Coelho [Alcácer do Sal, 3 de março de 1889 – Lisboa, 5 de maio de 1986]. Primeira ópera de autor nacional, cantada em português na estreia, teve o libreto escrito por Teófilo Braga.

A ópera *Thaïs* regressou à cena em Lisboa, no dia 2 de janeiro de 1920, abrindo a época de reabertura do Teatro Nacional de São

Carlos e teve *reprises* nos dias 3 e 5 desse mês. Foram intérpretes a soprano francesa Geneviève Vix, no papel de Thaïs, Luigi Montesanto, Olaizola, Conde, Fratti, Galimberti e Vincenzo Costa. A orquestra foi dirigida pelo maestro Pedro Blanch e o solo de violino da *Meditação* foi executado, com grande êxito, por René Bohet.

No ano seguinte, 1921, apenas numa récita, realizada em 4 de janeiro, *Thaïs* volta a ser representada no São Carlos, sendo o elenco constituído por Madeleine Bugg, Giulio Cirino, Pavia, Melero e Servi. Retorna ao mesmo palco na época imediata, em 11 de janeiro de 1922, estando no papel de protagonistas Mireille Berton, soprano, como Thaïs, e Cesare Formichi, barítono, na figura de Athanaël, e também Antonio Prati, Alessandro Griff, Sturt, Conde e Stegani. A bailarina principal foi Ginevra Pratolongo. A direção da orquestra esteve, de novo, a cargo do maestro Pedro Blanch. *Thaïs* teve mais duas exhibições no São Carlos durante o mês de janeiro de 1922, nos dias 14 e 22.

Em “*Thaïs – Mireille Berton. Impressões sobre uma artista*”, crónica inserta na primeira página do jornal *A Capital*, n.º 3895, editado na segunda-feira, 23 de janeiro de 1922, o crítico Botto de Carvalho enfatiza a figura de Thaïs, num texto laudatório da recente protagonista da ópera de Jules Massenet, cuja última representação tivera lugar no Teatro Nacional de São Carlos exatamente no dia anterior, tendo como pano de fundo a entrevista com a cantora, em que esta descreve a sua vida artística.

A Batalha, periódico que, desde o ano da sua fundação, 1919, até ao encerramento compulsivo em maio de 1927, deu um importante contributo para a receção de Anatole France em Portugal, incluía na secção “Musica” do seu *Suplemento* n.º 2, publicado na segunda-feira, 10 de dezembro de 1923, um extenso artigo bibliográfico sobre Jules Massenet, no qual figurava o retrato do compositor. O articulista, Nogueira de Brito, atribuiu-lhe a qualificação de um dos maiores músicos franceses contemporâneos e dos mais conhecidos em Portugal, considerando *Thaïs* como uma das suas principais óperas cantadas em todos os países europeus.

O semanário dominical lisboeta *O Jornal dos Teatros*, do qual era fundador, proprietário e editor João Florêncio Gomes e diretor J. A.

Borges, anunciava no n.º 341, de 27 de janeiro de 1924, sob o título “Opera em S. Carlos”, a *reprise* da *Thaïs* de Massenet, entre outras famosíssimas óperas. De facto, *Thaïs* voltou à cena no Teatro de São Carlos, mas apenas no ano seguinte, em 13 de janeiro de 1925, com um elenco que integrava os cantores Germaine Lubin, Bera, Nerey, Laffite, Dufranne e Clausure. Ana Johnson aparecia como primeira bailarina. A direção coube ao maestro Gabriel Grovlez. Este periódico, no n.º 392, de 18 de janeiro de 1925, informava, numa nota assinada por Sincero, que “A companhia de opera franceza estreiou-se [*sic*] em São Carlos no dia 13 com a opera *Thaïs*.” No dia 26 imediato assistiu-se no mesmo palco à sua repetição, havendo a registar uma alteração nos artistas, pois Combe substituiu Dufranne.

Uma das consequências da revolução nacional de 28 de maio de 1926, origem do Estado Novo, foi a instituição em 22 de junho de 1926 da comissão de censura. É pertinente admitir que, dada a interligação com o nome de Anatole France, a ópera *Thaïs* tenha sido englobada no número de obras proscritas.

No artigo intitulado “Panorama musical português, XXV. A nossa cultura musical: Ópera em S. Carlos”, publicado na *Seara Nova*, n.º 276, de 10 de dezembro de 1931, Gomes da Silva relembrava que “durante o tempo de Paccini como empresário” se tinha cantado pela primeira vez, entre outras, a ópera *Thaïs*, de Massenet.

Decorrido mais de um quarto de século, os espectadores prepararam-se para assistir ao regresso ao palco do Teatro Nacional de São Carlos da ópera *Thaïs*, de Jules Massenet, marcado para o dia 18 de abril de 1951. A morte, na mesma data, do Presidente da República, Marechal António Óscar de Fragoso Carmona, levou ao cancelamento, sem qualquer aviso, da prevista exibição, que só veio a acontecer no ano seguinte, em 29 de março de 1952. Os intérpretes foram Forti, Gino Bechi, Mariano Caruso, Vito Susca, Maria Justina Pereira, Canali, Graziela Barreto e Mário Oliveira. A direção da orquestra coube ao maestro Pedro de Freitas Branco.

BIBLIOGRAFIA

Bancquart, Marie-Claire. 1962. *Anatole France polémiste*. Paris: A. G. Nizet.

———. 1994. *Anatole France*. Paris: Éditions Julliard.

Borély, Marthe. 1917. *La Femme et L'Amour dans L' Œuvre D'Anatole France*. Paris: Éditions Georges Crès & C^{ie}.

Brancour, René. 1922. *Les Maitres de la Musique / Massenet par René Brancour Conservateur du Musée du Conservatoire national de Musique*. Paris: Librairie Félix Alcan.

Carvalho, Mário Vieira de. 1993. *Pensar é Morrer ou O Teatro de São Carlos na mudança de sistemas sociocomunicativos desde fins do séc. XVIII aos nossos dias*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Flaubert, Gustave. 1874. *La Tentation de Saint Antoine / Deuxième Édition*. Paris: Charpentier et C^{ie}, Libraires-Éditeurs.

———. n.d. *La Tentation de Saint Antoine / Introduction par Émile Faguet de l'Académie Française*. Paris: Georges Crès et Cie. Londres: J. M. Dent & Sons Ltd.

———. n.d. *Œuvres de Gustave Flaubert / La Tentation de Saint Antoine*. Paris: Librairie Alphonse Lemerre.

———. 1908. *La Première Tentation de Saint Antoine (1849-1856) / Œuvre Inédite publiée par Louis Bertrand*. Paris: Bibliothèque – Charpentier, Eugène Fasquelle, Éditeur.

———. 1902. *A Tentação de Santo Antão*. Tradução de João Barreira. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão, editores.

France, Anatole. 1867. "La Légende de Sainte Thaïs, Comédienne," in *Le Chasseur Bibliographe. / Revue Bibliographique, Littéraire, Critique et Anecdotique, redigée par une société de Bibliographes et de Bibliophiles, suivie d'une Notice de Livres Rares et Curieux, la plupart non cités, a prix marqués*, an III – N^o 3, 80-87. Paris: Léon Rondiez, Libraire-Éditeur.

———. 1984. "La Légende de Sainte Thaïs, Comédienne," in *Œuvres I / Édition établie, présentée et annotée par Marie-Claire Bancquart*, 865-871. Paris: Éditions Gallimard.

———. 1889. "Thaïs / Conte Philosophique," in *Revue des Deux Mondes / LIX^e Année – Troisième Période / Tome Quatre-Vingt-Quatorzième*. Juillet. – Août., 110-134, 319-371 e 606-637. Paris: Bureau de La Revue des Deux Mondes.

———. 1984. "1890. Thaïs. Paris: Calmann-Lévy," in *Œuvres I / Édition établie, présentée et annotée par Marie-Claire Bancquart*, 719-863. Paris: Éditions Gallimard.

———. 1906. *Thaïs*. Paris: Calmann-Lévy, Éditeurs.

———. 1920. 1922. *Thaïs / Nouvelle Édition revue et corrigée par l'auteur*. Paris: Calmann-Lévy, Éditeurs.

———. 1940. *Thaïs*. Tradução de Sodrê Vianna. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti editores.

———. 2003. *Thaïs*. Tradução de Manuel de Freitas. Lisboa: Antígona.

———. [1904]. *Poésies de Anatole France / Les Poèmes dorés – Idylles et Legendes – Les Noces Corinthiennes*. Paris: Alphonse Lemerre, Éditeur.

———. 1922. *Les Noces Corinthiennes / Tragédie Lyrique en trois Actes et quatre Tableaux dont un Prologue / Poème de Anatole France de l'Académie Française / Musique de Henri Busser / Partition Chant et Piano*. Paris: Choudens, Éditeur.

———. 1922. *La Vie en Fleur / Anatole France de l'Académie Française*. Paris: Calmann-Lévy, Éditeurs.

Gallet, Louis. n.d. *Thaïs / Opéra en trois actes et sept tableaux / Poème de Louis Gallet D'après le roman de M. Anatole France / Musique de J. Massenet / Nouvelle Édition conforme au texte définitif*. Paris: Calmann-Lévy, Éditeurs.

———. 1903. *Thaïs / Dramma lirico in 3 atti e 7 quadri, / Parole di Louis Gallet dal romanzo di Anatole France. / Musica di G. Massenet / Traduzione italiana di Amintore Galli.* Paris: Heugel & C.^{ie}.

———. 1903. 1905. 1911. 1929. 1930. *Thaïs / Dramma lirico in tre atti e sette quadri / Parole di Luigi Gallet (Dal romanzo di Anatole France) / Musica di Massenet / Traduzione ritmica italiana di A. Galli.* Milano: Edoardo Sonzogno, Editore.

———. n.d. *Thaïs / Drama lirico em 3 actos / Palavras de Louis Gallet sobre o romance de Anatole France / Musica de J. Massenet.* Tradução anónima. Lisboa: Agência Stella, Limitada.

———. 1951. *Thaïs (Massenet) / Colecção Ópera / Direcção de Mário de Sampayo Ribeiro.* Lisboa: Manuel B. Calarrão.

Lahy-Hollebecque, M. n.d. *Anatole France et La Femme.* Paris: Éditions Baudinière.

Marin, Michel-Ange. 1861. *Vies Choisies des Pères des Déserts D'Orient dans la Haute et la Basse Thébáide, La Nitrie, Scété, L'Égypte, L'Arabie, La Palestine, etc. / Par le R. P. Michel-Ange Marin de l'ordre des Minimes / Nouvelle Édition.* Tours: A^d Mame et C^{ie}, Imprimeurs-Libraires.

———. 1863. 1864. 1869. *Les Vies des Pères des Déserts D'Orient / Leur doctrine spirituelle et leur discipline monastique / Nouvelle Édition d'après Le R. P. Michel-Ange Marin de l'Ordre des Minimes / Avec une introduction, des notes et des éclaircissements historiques Par M. Eugène Veuillot / Ornée de 60 gravures par M. Céroni.* Paris: Librairie de Louis Vivès, Éditeur.

Massenet, Jules. n.d. *Thaïs / Comédie Lyrique en 3 Actes et 7 tableaux / Poème de Louis Gallet d'après le roman d'Anatole France / Musique de J. Massenet.* Paris: Heugel & C.^{ie}.

Masson, Georges-Armand. 1923. *Anatole France / Son Œuvre / Portrait et Autographe / Document pour l'Histoire de la Littérature Française.* Paris: Éditions de La Nouvelle Revue Critique (Ancien Carnet Critique).

Villefore, Joseph-François Bourgoing de. 1711. *Les Vies des Saines Solitaires D'Orient et D'Occident. Avec des Figures qui representent l'austerité de leur vie, & leurs principales occupations. / Nouvelle Edition Augmentée / Tome Troisième.* Paris: Chez Jean Mariette.

———. 1714. *Les Vies des SS. Peres des Deserts, et des Saintes Solitaires D'Orient et D'Occident. Avec des Figures qui représentent l'austerité de leur vie, & leurs principales occupations. Tome Second.* Amsterdam: Chez Pierre Brunel.

Voragine, Jacques de, 1902. *La Légende Dorée de Jacques Voragine / Nouvellement traduite en français avec Introduction, Notices, Notes et Recherches sur les Sources par L'Abbé J.-B. M. Roze Chanoine honoraire de la cathédrale d'Amiens.* 3 vols. Paris: Édouard Rouveyre, Éditeur.

———. 1920. *Les plus belles fleurs de la Legende dorée.* Paris: Editions de la Sirene.

Periódicos:

Batalha (A). 1919-1927. Lisboa.

Batalha (A), Suplemento. 1923-1927. Lisboa.

Capital (A). 1910-1925. Lisboa.

Correio da Noite. Novembro de 1904 – fevereiro de 1905. Lisboa.

Correio Nacional. Dezembro de 1904 – fevereiro de 1905. Lisboa.

Dia (O). Novembro de 1904. Lisboa.

Diario. Novembro de 1904 – maio de 1905. Lisboa.

Diario de Noticias. Novembro de 1904 – março de 1905. Lisboa.

Diario Illustrado. Novembro de 1904 – janeiro de 1905. Lisboa.

Jornal da Manhã. Novembro de 1904 – março de 1905. Lisboa.

Jornal de Noticias. 8 de janeiro de 1905. Porto.

Jornal do Commercio. Dezembro de 1904 – março de 1905. Lisboa.

Jornal dos Teatros (O). 1917-1932. Lisboa.

Mundo (O). Novembro de 1904 – fevereiro de 1905. Lisboa.

Novidades. Novembro de 1904 – fevereiro de 1905. Lisboa.

Popular. Novembro de 1904 – março de 1905. Lisboa.

Seara Nova. 1921-1940. Lisboa.

Seculo (O). Novembro de 1904 – abril de 1905. Lisboa.

Tarde (A). Janeiro de 1905. Lisboa.

Vanguarda. Novembro de 1904 – março de 1905. Lisboa.

Verdade (A). Dezembro de 1904 – janeiro de 1905. Lisboa.



FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

**Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do
Projecto “UID/ELT/00077/2013”**

